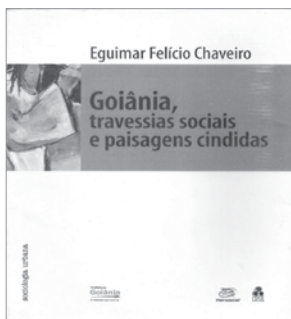


CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas*. Goiânia: Editora UCG, 2007

Adão Francisco de Oliveira - Universidade do Tocantins - Arraias - Tocantins - Brasil
adaofrancisco@gmail.com



Não poderia haver forma mais original de tratar a cidade de Goiânia do que essa empreendida por Eguimar Felício Chaveiro. Esta sua mais recente obra, publicada em 2007 pela Editora da UCG e componente da coleção “Goiânia em prosa e verso”, financiada pela prefeitura da cidade, mescla leituras possíveis da Sociologia e da Geografia com a sensibilidade da literatura pelo signo da poesia, no afã de reconhecer e tornar conhecidas as novas dinâmicas de uma Goiânia de desafios metropolitanos.

A leitura da cidade feita por Chaveiro não possui amarras de recorte teórico aos moldes de uma “camisa-de-força”. Para ele, a cidade é um *fenômeno* social, político, econômico e cultural que não se explica por métodos específicos. Haja vista a complexidade dos processos que nela se desenvolvem. Tais processos resultam de um movimento de *mão dupla*: por um lado, a objetividade da dinâmica social como elemento estruturante do comportamento dos sujeitos sociais; por outro lado, a subjetividade de indivíduos e a originalidade de grupos que intencionam práticas e usos de uma cidade que veem também como sua. No *enlear* dessas duas dimensões (como diria Cláudio Viana), surge Goiânia tal qual a sentimos hoje, uma metrópole definida por Chaveiro como um espaço de travessias sociais e de paisagens cindidas.

A sua leitura demanda, portanto, uma metodologia audaciosa e destituída de preconceito para se navegar nas várias vertentes teóricas que alimentam possibilidades de seu reconhecimento, como explicita o próprio autor:

Ao sintetizar a leitura feita pelas diferentes vertentes da historiografia goiana, em autores como Luis Palacín, Paulo Bertran, Nasr Chaul e Noé Freire; a leitura sociológica ao sabor das letras de Genilda Bernardes; as diversas leituras arquitetônicas, por exemplo, em Graef e Celina Fernandes de Almeida, Gustavo Neiva; a

interpretação econômica da cidade na eficiência de Luiz Estevam e Aristides Moysés; a análise política do Estado e suas ações em Itami Campos, Pedro Célio e Adão Francisco; a análise ambiental em Osmar Pires e Everaldo Pastore; as pesquisas geográficas desenvolvidas por Lana Cavalcanti, Tadeu Arrais, João Batista de Deus e Celene C. M. A. Barreira. Além dos trabalhos desses autores, outros que se fazem a partir da interpretação do avanço de um sobre outro, entrecruzando-os, interpondo-os ou criticando-os... (Chaveiro, 2007, p. 16)

Contudo, Chaveiro possui também suas filiações fundamentais, podendo-se perceber na sua narrativa opções preferenciais pela análise socioespacial e pela teoria da complexidade. Na primeira, a *autorização discursiva* é feita por Milton Santos e por Henri Lefebvre (mais pelo primeiro do que pelo segundo), ambos convictos de que o principal caminho teórico-metodológico para a explicação da realidade é o Materialismo Histórico e Dialético (MHD), porém não monopsista, economicista e reducionista. A grande sacada desses autores (o primeiro, um bacharel em Direito, e o segundo, um filósofo, não obstante serem ambos apaixonados pela Geografia e pela dinâmica espacial), que certamente se influenciaram nos momentos de suas produções, foi perceber que a abordagem do MHD, destituída do foco microscópico das dinâmicas socioespaciais, não é capaz de responder aos problemas presentes no cenário urbano, particularmente nas cidades e regiões metropolitanas. E responder a tais problemas implica em desvendar o máximo possível a complexidade das teias, circuitos, conjunções e cisões de ordem social, política, econômica e cultural produzidas nas relações de produção. Para tanto, é importante se ter a cidade – contemporânea, materializada nos últimos 30 anos mediante a concretização do fenômeno global, que é o caso de Goiânia como um fenômeno complexo, como o *fenômeno urbano* (como sugeriu Lefebvre no título de uma de suas mais importantes obras). A segunda das opções preferenciais é, portanto, a teoria da complexidade e os substratos fenomenológicos que a alimentam.

Nessa narrativa instigante do geógrafo-poeta-cientista social que é Eguimar Chaveiro há uma característica interessante: as fontes primeiras que orientam suas opções teórico-metodológicas não são incorporadas à bibliografia. Assim, as remissões a tais referenciais se dão pela trajetória e ordenamento de suas ideias, pelos conceitos e pelos autores com quem dialogou, ou seja, pela autorização discursiva de seus interlocutores.

A obra está organizada em três capítulos, sendo que o primeiro é dedicado às *trajetórias socioespaciais de Goiânia*, o segundo à *sociodiversidade espacial da metrópole na globalização* e o terceiro à *travessia e as pontes da metrópole goianiense*, que se subdivide em cinco recortes, com os seguintes subtítulos capitulares: a) O padrão territorial do Brasil em 1980; b) A paisagem goianiense: uma constelação de situações; c) Goiânia, espaço e paisagens cindidas; d) Goiânia vivida, sentida e envernizada pela luta; e e) O espaço ambíguo e o território dos “NEMs”.

O primeiro capítulo, muito curto, serve apenas para que o autor apresente o eixo central da lógica de desenvolvimento de Goiânia e as condições gerais sobre as quais esta cidade se transformou numa metrópole regional. Plantada no Centro-Oeste do país na década de 1930, Goiânia foi um artefato econômico, social, político e cultural que simbolizou, por um lado, a transição do país de um capitalismo agrário-exportador de produção litorânea e de decisões políticas centradas no espaço rural contidas estritamente nas suas regiões Centro-Sul, para um capitalismo industrial de base agrário-exportador, ciente das e voraz pelas possibilidades econômicas existentes nas suas regiões Centro-Norte e de decisões políticas migradas para a cidade. Por outro lado, esta cidade simbolizou também a travessia do foco de poder estadual-regional, expressa no seu deslocamento das “mãos” das oligarquias rurais do Centro-Norte do estado para as suas oligarquias rurais do Sul-Sudoeste.

Com isso, o discurso oficial para a sua construção – objeto das intenções dos governos federal e estadual – contemplou as ideologias da *modernização urbano-industrial*, da conquista das fronteiras pela *marcha para o Oeste* como princípio de segurança nacional e da *higienização urbana* na transferência da capital. Segundo Chaveiro (2007, p.16),

Goiânia resulta de um discurso moderno embora constituída na trama política da oligarquia agrária local aliada à ditadura nacional do Estado Novo; foi projetada perante o urbanismo de vanguarda, em que pese tivesse, no desenho, traços da tradição monárquica proveniente do mundo desenvolvido e foi constituída num imaginário de uma nação que queria encontrar a sua originalidade no Sertão, tido até então como “vazio geográfico sedento de história”. Por isso a sua constituição era – na ótica de quem a propugnava – justificada pelas categorias “integração”, “progresso”, “desenvolvimento”, “marcha”, “colonização”, “captura do oeste”, “desenvolvimento do capitalismo na periferia da nação” etc.

Com essa representação, o autor revela o caráter contraditório e dialético da formação do espaço urbano de Goiânia, que associou desde suas origens elementos do moderno e do tradicional, do urbano e do rural, do novo e do velho, mas que foram fundamentais para a sua conformação, do Estado e da Região Centro-Oeste à divisão regional do trabalho. Tais marcas encontram-se presentes até hoje na paisagem, no imaginário e na representação da cidade.

Isso é possível porque, segundo o autor, “as formas espaciais cristalizam-se também enquanto tempo, dado a história do lugar” (p.19). Essa História assume novos matizes no atual estágio de desenvolvimento da humanidade, e não especificamente de Goiânia, em razão do fenômeno universal da Globalização Econômica, articulado pelo autor na leitura da cidade no segundo capítulo da obra.

Num sentido amplo, globalização corresponde ao intercâmbio comercial e cultural entre as nações, regiões e territórios existentes em todos os recantos do globo terrestre. Tal fenômeno tornou-se possível com o expansionismo marítimo e comercial desprendido pelos europeus na passagem do século XV para o XVI. Ou seja, nesses termos, a globalização nasce mesmo junto com o capitalismo, é sua irmã gêmea. No entanto, ao final do século XX – mais especificamente a partir de seu último quartel – as condições da articulação entre as nações se alteraram. A “imposição” dos ajustes neoliberais do quase ontológico “mercado global” (tido por muitos como algo realmente dotado de vida própria) às nações de todos os continentes fragilizou o poder e a autonomia dos Estados Nacionais e tornou as cidades atomizadas em suas relações comerciais.

Por isso, suas instituições políticas tornaram-se promotoras de possibilidades mercantis e entraram num círculo vicioso, pois a necessidade de reproduzir a dinâmica produtiva da sociedade sem, contudo, sanar suas mazelas oriundas das desigualdades e injustiças sociais, tornam a propalada *sustentabilidade* um mero componente discursivo e ideológico. E isso tem reflexos diretos na vida cotidiana da cidade, na sociabilidade que nela se desenvolve, nas organizações sociais que nela se projetam, nas novas territorialidades que nela se definem, conforme Chaveiro apresenta no terceiro capítulo do seu livro.

Nessa nova dinâmica três coisas chamam a atenção. A primeira delas é a complexidade da sociabilidade que a Goiânia contemporânea e metropolitana vive. À medida que a cidade articula sua teia urbana aos

municípios de seu entorno, as formas socioespaciais se ampliam e os grupos sociais se diversificam.

A reboque dessa dinâmica, a segunda coisa se manifesta: é o que Chaveiro chamou de “NEMs”, ou seja, nem um lugar nem outro, como se diz na linguagem popular e corriqueira: “nem Goiânia e nem Trindade”. Ao destacar os NEMs, Chaveiro chama a atenção para o fato de que as cidades com o escopo semelhante ao de Goiânia produzem *territórios híbridos*, destituídos de referência, não exemplares, conformadores do não lugar, da não cidade. São lugares abandonados pelas ações políticas, destituídos de políticas públicas positivas, mas disputados do ponto de vista fiscal.

E, por fim, como terceiro elemento, o autor menciona que a manifestação desses lugares como territórios ocorre na medida em que forças sociais neles surgem como formas de reivindicação de direitos – direitos à cidade. É o povo se organizando sobre o viés político, fenômeno para o qual Chaveiro nos convida a observar os novos matizes que envergam a incidência dos movimentos sociais de luta na/pela cidade. Não são mais apenas as ONGs e as associações de moradores; são OCIPs, associações de carroceiros, grupos de hip-hop, de skatistas, de grafiteiros, torcidas organizadas... Aqui, eu completaria essa ideia de Chaveiro com uma que defendi na UFG em 2002 em minha dissertação de mestrado em Sociologia, com o título *Do “pântano” ao jardim, uma nova esperança: a produção social do espaço em Goiânia*: é a cidade complexa produzindo “aconchegos de identidade”.

Referências

CHAVEIRO, Egmar Felício. *Goiânia: travessias sociais e paisgens cindidas*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. *Do “pântano” ao jardim, uma nova esperança: a produção social do espaço em Goiânia*. Goiânia, 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Goiás.

Adão Francisco de Oliveira - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - Professor da Unints e pesquisador do Observatório das Metrôpoles - Goiânia.

Recebido para publicação em Janeiro de 2010

Aceito para publicação em Março de 2010